

Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método

Este livro reúne, na primeira parte, textos sobre *concepções* de alfabetização e letramento e, na segunda, textos sobre *práticas escolares* de alfabetização e letramento, com o exclusivo objetivo de ordenar e sistematizar a reflexão sobre as diferentes facetas desses dois processos. Entretanto, essa estratégia metodológica pode levar à suposição de que é possível separar o que é inseparável; para evitar esse risco, a terceira parte, constituída unicamente deste texto, busca recuperar a integração e a indissociabilidade de concepções e práticas com uma reflexão sobre a proposta que mais plenamente realizou essa integração e provou essa indissociabilidade: a teoria pedagógica de Paulo Freire. O texto foi publicado na revista *Presença Pedagógica*, v. 4, n. 21, de maio/junho de 1998, na seção “Ponto de Vista”, e traz a marca de dois condicionantes: primeiro, tendo sido produzido no momento em que se completava um ano da morte de Paulo Freire, o texto revela o desejo de, a pretexto da data, relembrar e reafirmar o significado da contribuição do grande educador à educação e à alfabetização; segundo, considerando a seção da revista para a qual foi produzido, o texto pretendeu expressar um “ponto de vista” pessoal, e de certa forma alternativo ao ponto de vista dominante, sobre o que se tem denominado “método Paulo Freire de alfabetização”.

Há um ano, quando perdemos a presença física de Paulo Freire, um dos maiores, se não o maior, educador brasileiro, o noticiário dos jornais mencionou repetidamente um “método Paulo Freire de alfabetização”, atribuindo mesmo a importância deste que foi um dos maiores, se não o maior, educador brasileiro a um método de ensinar a ler e escrever que ele teria criado. Assim, no dia seguinte à sua morte, a *Folha de S. Paulo* qualificava-o como o “criador da Pedagogia do Oprimido, método de alfabetização de adultos” (03/05/1997, primeira página do caderno *Cotidiano*), o *Jornal do Brasil* qualificava-o como “pedagogo que criou um método revolucionário de alfabetização de adultos” (03/05/1997, primeira página do primeiro caderno).

Paulo Freire nasceu em setembro de 1921 (Recife) e faleceu em maio de 1997 (São Paulo); este texto, produzido em maio de 1998, juntou-se àqueles que, naquele momento em que se completava um ano da perda de Paulo Freire, rememoravam o grande teórico e educador.

Identificar Paulo Freire com um método de alfabetização e até, mais especificamente, com um método de alfabetização de adultos parece-me uma *incorreção* e uma *redução*.

Em primeiro lugar, por que uma *incorreção*?

Uma incorreção se se atribui a *método* o sentido restrito que essa palavra tem no vocabulário pedagógico (e que não é, necessariamente, o sentido que deveria ter).

Método, no campo da educação e do ensino, sempre foi entendido como modo de proceder, como conjunto de meios para orientar a

O conceito de método é discutido, nesta coletânea, no texto *Alfabetização: em busca de um método?*

aprendizagem em direção a um certo fim, como sistema que se deve seguir no ensino de um conteúdo. Esse entendimento está presente na tradição do ensino da leitura e da escrita mais marcadamente, sem dúvida, que no ensino de qualquer outro objeto de conhecimento — fala-se em alfabetização, pensa-se logo no método para alfabetizar, no caminho pelo qual se levará a criança ou o adulto a aprender a ler e a escrever: em um passado já distante, a soletração; depois (e até hoje?), a silabação, ou a palavração, a sentencição, o método global... De forma mais abrangente, o caminho da parte para o todo (da letra ou da sílaba à palavra, à sentença, ao conto ou ao texto), isto é, o caminho em direção à síntese — os *métodos sintéticos*; ou o caminho do todo para a parte (do conto ou texto à sentença, à palavra, à sílaba, à letra), isto é, o caminho em direção à análise — os *métodos analíticos*; ou ainda a alternância entre a parte e o todo — os *métodos analítico-sintéticos*, ou *ecléticos*.

Assim, quando se fala em *método de alfabetização*, profissionais ou leigos pensam em método silábico, ou em método da palavração, ou em método da sentencição, ou em método global... ou em uma associação eclética deles; e mesmo quando se fala em alfabetização *sem método* (como, inadvertidamente, muitos vêm hoje defendendo, numa concepção ingênua, pretensamente alicerçada em teorias recentemente incorporadas à prática da alfabetização, de que é possível ensinar alguma coisa sem método), profissionais ou leigos estão, na verdade, pensando em alfabetização que *não se faça* por silabação, ou por palavração, ou por sentencição, ou pelo método global.

O equívoco sobre a possibilidade de uma alfabetização sem método é discutido no texto *Alfabetização: em busca de um método?*

Se dessa forma restrita se entende *método de alfabetização*, é incorreto afirmar que Paulo Freire *criou* um método de alfabetização, é incorreto referir-se a um “método Paulo Freire de alfabetização”. Aliás, é ele mesmo que, ao descrever sua proposta de alfabetização, no Capítulo 4 de *Educação como prática da liberdade*, apresenta, em nota de rodapé, classificações de métodos de alfabetização e se inclui entre aqueles que propõem um “método eclético”, que *abarca (...) a síntese e a análise, propiciando o analítico-sintético*¹. E mais:

no fim desse mesmo capítulo, novamente em nota de rodapé, declara: ... *nunca nos doeu nem nos dói quando se afirmava e afirma que (...) não fomos o "inventor" do diálogo, nem do método analítico-sintético, como se alguma vez tivéssemos feito afirmação tão irresponsável.*²

Mas Paulo Freire *criou*; e criou muito além de um método: criou uma concepção de alfabetização, no quadro de uma também nova concepção de educação. Não apenas uma concepção de educação como diálogo, que disso, realmente, não foi ele o inventor (terá sido Sócrates?), mas uma concepção de educação como *prática da liberdade*, educação como *conscientização*; e disso, realmente, foi ele o inventor. Não apenas uma concepção de alfabetização como método analítico-sintético de ensinar a ler e escrever, que disso também, realmente, não foi ele o inventor (provavelmente terá sido alfabetizado por ele, pois declara, em texto que produziu para a revista *Nova Escola* (dezembro de 1994), que *minha alfabetização (...) partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal*); mas uma concepção de alfabetização, como meio de democratização da cultura, como oportunidade de reflexão sobre o mundo e a posição e lugar do homem. Talvez a citação seja um pouco longa, mas traz, nas suas palavras, a concepção de alfabetização que Paulo Freire criou:

concepção de alf. de PF } Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre o seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites. Só assim a alfabetização tem sentido.³

Assim, quando Paulo Freire se insurge contra as *lições que falam de Evas e de uvas a homens que às vezes conhecem poucas Evas e nunca comeram uvas*⁴, não está se insurgindo contra o "método" que, das "palavras geradoras" *Eva* e *uva*, tira a "família" va-ve-vi-vo-vu, porque ele também propõe que das "palavras geradoras" *tijolo* ou *favela* se tirem as "famílias" ta-te-ti-to-tu, fa-fe-fi-fo-fu; está se insurgindo, isto sim, contra a distância entre Evas e uvas e a experiência existencial do alfabetizando, que empilha tijolos e mora em favela; está se insurgindo contra a alfabetização considerada apenas aquisição de uma técnica mecânica de codificação/decodificação, e não como um ato de reflexão, de criação, de conscientização, de libertação. Portanto: não é o método que é novo, não é um método

de alfabetização que Paulo Freire cria, é uma concepção de alfabetização, que transforma fundamentalmente o *material* com que se alfabetiza, o *objetivo* com que se alfabetiza, as *relações sociais* em que se alfabetiza — enfim: o *método* com que se alfabetiza.

Em primeiro lugar, uma alfabetização que transforma o *material* com que se alfabetiza: como se disse: em vez de Evas e uvas, tijolos e favelas. E não se trata apenas de selecionar palavras do universo vocabular dos alfabetizandos — isso fazem também as cartilhas, para crianças ou para adultos, que selecionam *pato* para a “família” pa-pe-pi-po-pu, *bola*, para a “família” ba-be-bi-bo-bu... Não se trata, também, apenas de selecionar, nesse universo vocabular, palavras que atendam a uma sequência adequada de aprendizagem das relações fonema-grafema (das relações biunívocas à arbitrariedade das relações, das sílabas “simples” às sílabas “complexas”) — como fazem as cartilhas. Na proposta Paulo Freire, trata-se, sim, de selecionar palavras do universo vocabular dos alfabetizandos, trata-se também de selecionar palavras que atendam a uma sequência adequada de aprendizagem das relações fonema-grafema, mas não se selecionam quaisquer palavras: selecionam-se aquelas carregadas de significado social, cultural, político, vivencial. Por exemplo: no Rio de Janeiro, selecionava-se *favela*, *comida*, *batuque*, *salário*... E palavras que não sejam apenas objeto de mecânicas operações de decomposição e recomposição, mas que se insiram no universo semântico de situações existenciais das quais brotem, plenas de significado. Na verdade, não só *palavras* geradoras, mas *temas* geradores.

Em segundo lugar, uma concepção de alfabetização que transforma o *objetivo* com que se alfabetiza: alfabetização não apenas para aprender as técnicas do ler e do escrever, mas alfabetização como tomada de consciência, como meio de superação de uma consciência ingênua e conquista de uma consciência crítica, como *promoção da ingenuidade em criticidade*⁵.

Finalmente, uma concepção de alfabetização que transforma as *relações sociais* em que se alfabetiza: o alfabetizando considerado não como aluno, mas como participante de um grupo; o alfabetizador considerado não como professor, mas como coordenador de debates; a interação entre coordenador e participantes considerada não como aula, mas como diálogo. O próprio contexto em que se alfabetiza é alterado: não a sala de aula, mas o Círculo de Cultura.

Em síntese: uma concepção de alfabetização que transforma o material e o objetivo com que se alfabetiza, as relações sociais em que se alfabetiza, é uma concepção que põe o método a serviço de uma certa política e filosofia da educação; com “Eva viu a uva”, com o objetivo de levar simplesmente à aquisição das técnicas de leitura e escrita, com uma relação vertical de antidiálogo entre alfabetizando e alfabetizador, o método ignora quem o alfabetizando é e poderia ser, ignora seu contexto social e cultural — é a política e a filosofia da submissão, da domesticação; com “tijolo”, com “favela”, com o objetivo de levar ao mundo da escrita de forma reflexiva e crítica, com uma relação horizontal de diálogo

entre alfabetizando e alfabetizador, o método assume e respeita o alfabetizando como sujeito ativo que traz experiências e sabedoria, que vive e *sofre* um lugar social — é a política e a filosofia da conscientização, da libertação. Quando se afirma que um método nunca é neutro, o que não é neutro não é seu arcabouço de procedimentos e técnicas; o que não é neutro são os conteúdos, os objetivos e as práticas educativas por meio dos quais o método se corporifica, se materializa. Tanto é isso verdade que os conteúdos, os objetivos e as práticas educativas propostos por Paulo Freire poderiam ser corporificados, materializados em um outro arcabouço de procedimentos e de técnicas — é, aliás, o que tem ocorrido: a concepção de alfabetização de Paulo Freire tem inspirado e orientado vários e diferenciados métodos de alfabetização.

Conclui-se que a proposta Paulo Freire de alfabetização não é, na verdade, a proposta de um *método*, pelo menos no sentido restrito que se dá a essa palavra na área da alfabetização. É, como se disse, algo muito além de um método de alfabetização, é uma nova e original concepção de alfabetização inserida numa política e numa filosofia da educação.

Por isso falar de um “método Paulo Freire de alfabetização” é não só uma incorreção, mas também uma *redução*. Paulo Freire criou não um método, mas uma teoria da educação, uma pedagogia, e o que se denomina como seu “método de alfabetização” é, na verdade, apenas uma das instâncias em que essa teoria, essa pedagogia se traduzem em uma prática. Aliás, talvez se possa dizer que essa pedagogia, reconhecida internacionalmente como a Pedagogia Paulo Freire (e aqui a palavra *reconhecida* é usada em seu duplo sentido: reconhecida significando *identificada* e reconhecida significando *valorizada*), se constituiu *pela e para* a prática da alfabetização que Paulo Freire experimentou, nos primeiros momentos de sua vida de educador, ao mesmo tempo em que essa pedagogia já então em gestação permitiu construir essa prática da alfabetização.

Assim, a contribuição de Paulo Freire para a alfabetização não foi um método, que inventores de métodos de alfabetização havia, há e haverá muitos, e nenhum deles teve, como Paulo Freire, livros publicados em mais de vinte línguas, nenhum deles foi, como Paulo Freire, Doutor *honoris causa* de 28 universidades, nenhum deles deu nome, como Paulo Freire, a 26 centros de pesquisa; a contribuição de Paulo Freire é, muito além de um método, uma nova concepção de alfabetização, no quadro da teoria de educação que, esta sim, ele criou. E esta nova concepção de alfabetização representou uma verdadeira revolução não só no Brasil, mas no mundo, no momento em que foi formulada por Paulo Freire.

Nesse momento — fim dos anos 50, início dos anos 60 —, a Unesco, para fins de padronização das estatísticas educacionais dos diferentes países, definia alfabetização simplesmente como a capacidade de “ler e escrever um curto enunciado a respeito da vida cotidiana” (recomendações de 1958); e Paulo Freire definia já alfabetização como conscientização, politização, meio de tornar o homem consciente de sua realidade e de sua possibilidade de transformá-la. Já em 1967,

Paulo Freire publicava *Educação como prática da liberdade*, obra em que mais sistematicamente expõe sua concepção de alfabetização; a Unesco, mais de dez anos depois, ainda propunha, como se fosse um avanço, o conceito de *alfabetização funcional* (recomendações de 1978), que concebe a alfabetização como meio de *adaptação* às necessidades e exigências do meio social, uma concepção, portanto, ideologicamente muito distante da concepção de Paulo Freire, talvez mesmo contrária.

Na literatura internacional sobre alfabetização, só nos anos 80 surgem autores propondo concepções de alfabetização que, tal como

Sobre as concepções de alfabetização da Unesco nas suas sucessivas "recomendações", ver, nesta coletânea, o texto *Lingua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas*.

Paulo Freire já o fizera mais de vinte anos antes, não a veem como uma prática neutra, orientada para a aprendizagem de técnicas de ler e escrever e de comportamentos de adaptação ao meio social, mas, ao contrário, a veem como uma prática construída socialmente, que tanto pode adaptar e submeter a valores, tradições, padrões de poder e de dominação quanto pode questionar esses valores, tradições, padrões de poder e de dominação, levar à sua consciência crítica e ser um meio de libertação. David Barton, em obra recente⁶, mas que já se tornou referência indispensável nos estudos sobre aprendizagem e práticas de leitura e de escrita, afirma que só a partir dos anos 80 surgem, no panorama norte-americano e europeu, obras apresentando novas concepções de alfabetização, e acrescenta: entretanto, trinta anos antes, já *o educador brasileiro Paulo Freire* tinha evidenciado os diferentes propósitos para os quais a alfabetização pode ser usada — para domesticar ou para libertar. É ainda importante lembrar que Brian Street, responsável pela distinção entre um "modelo ideológico" e um "modelo autônomo" de alfabetização, tão frequentemente citada e adotada desde a publicação de seu livro *Literacy in theory and practice*, em 1984⁷, reconhece em Paulo Freire a origem, mais de vinte anos antes, desse modo "ideológico" de conceber a aprendizagem da leitura e da escrita.

Sobre os modelos "autônomo" e "ideológico" de Street, ver, nesta coletânea, o texto *Lingua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas*.

No quadro dessas considerações, conclui-se que Paulo Freire não criou um método de alfabetização; criou e, de certa forma, inaugurou uma nova concepção de alfabetização que revolucionou as concepções até então em circulação. No sentido restrito do termo "método", lançou mão, para a concretização dessa concepção de uma prática pedagógica, de propostas metodológicas já existentes; no entanto, concebendo politicamente e ideologicamente essas propostas, põe-nas a serviço de um projeto de construção de um novo homem, de uma nova sociedade, utiliza-as para a concretização de uma sua pedagogia, que é "do oprimido", mas é também "da esperança".

Por isso, métodos de alfabetização vão e vêm, surgem e desaparecem; Paulo Freire permanece e permanecerá, apesar de termos perdido sua presença física.

Notas

- ¹ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 117. (Primeira edição: 1967)
- ² Idem, p. 121.
- ³ Idem, *ibidem*, p. 142.
- ⁴ Idem, *ibidem*, p. 104.
- ⁵ Idem, *ibidem*, p. 104.
- ⁶ BARTON, David. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. Oxford, UK: Blackwell, 1994.
- ⁷ STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Copyright © 2003 Magda Soares

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Diagramação

Denis Fracalossi
Gisele Gonçalves

Revisão

Vera Lúcia Quintanilha

Capa

Antonio Kehl

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Soares, Magda.

Alfabetização e letramento / Magda Soares. 6. ed., 7ª reimpressão. –
São Paulo : Contexto, 2015.

ISBN 978-85-7244-243-5

1. Alfabetização (Educação infantil) 2. Letramento – Estudo
e ensino I. Título.

03-5215

CDD-372.21

Índice para catálogo sistemático:

1. Alfabetização : Educação infantil 372.21

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP

FAX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

2015

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
